

PAISAGEM COM PENSAMENTO

SÉRGIO ALCIDES

Minério de nuvem no exterior da paisagem.

A serra em pensamento por cima da cumeada.

O ventre do céu roçando a gestação aérea
no acervo de aspereza do museu do tempo.

Provocação de chuva que demora quanto paira.

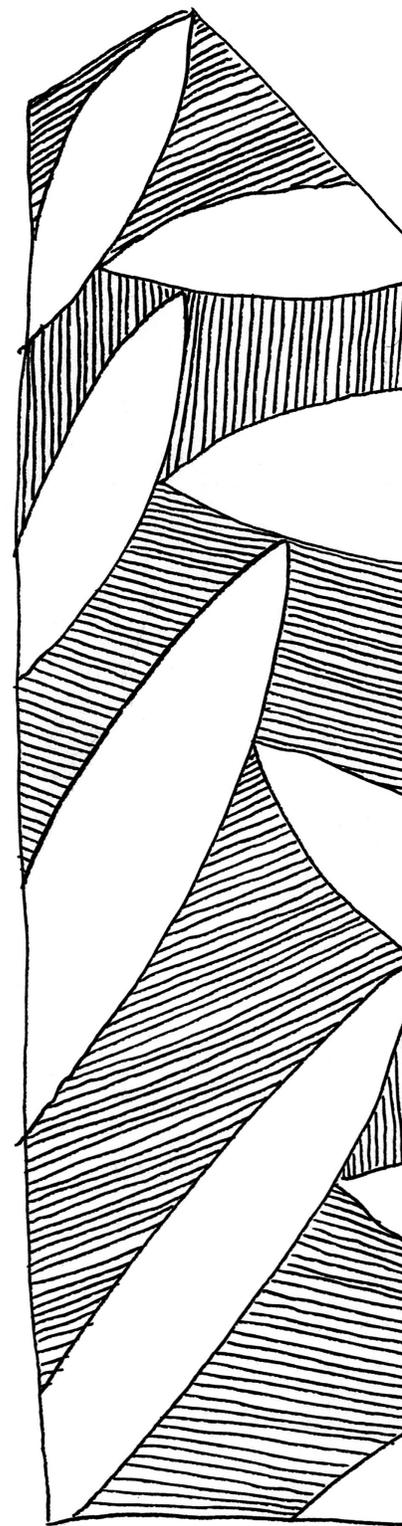
Diálogo da umidade. Mentação consigo mesma,

botões de cardo, gnaiss em veios, a nudez
dos dedos de pedra e cactos em espetáculo

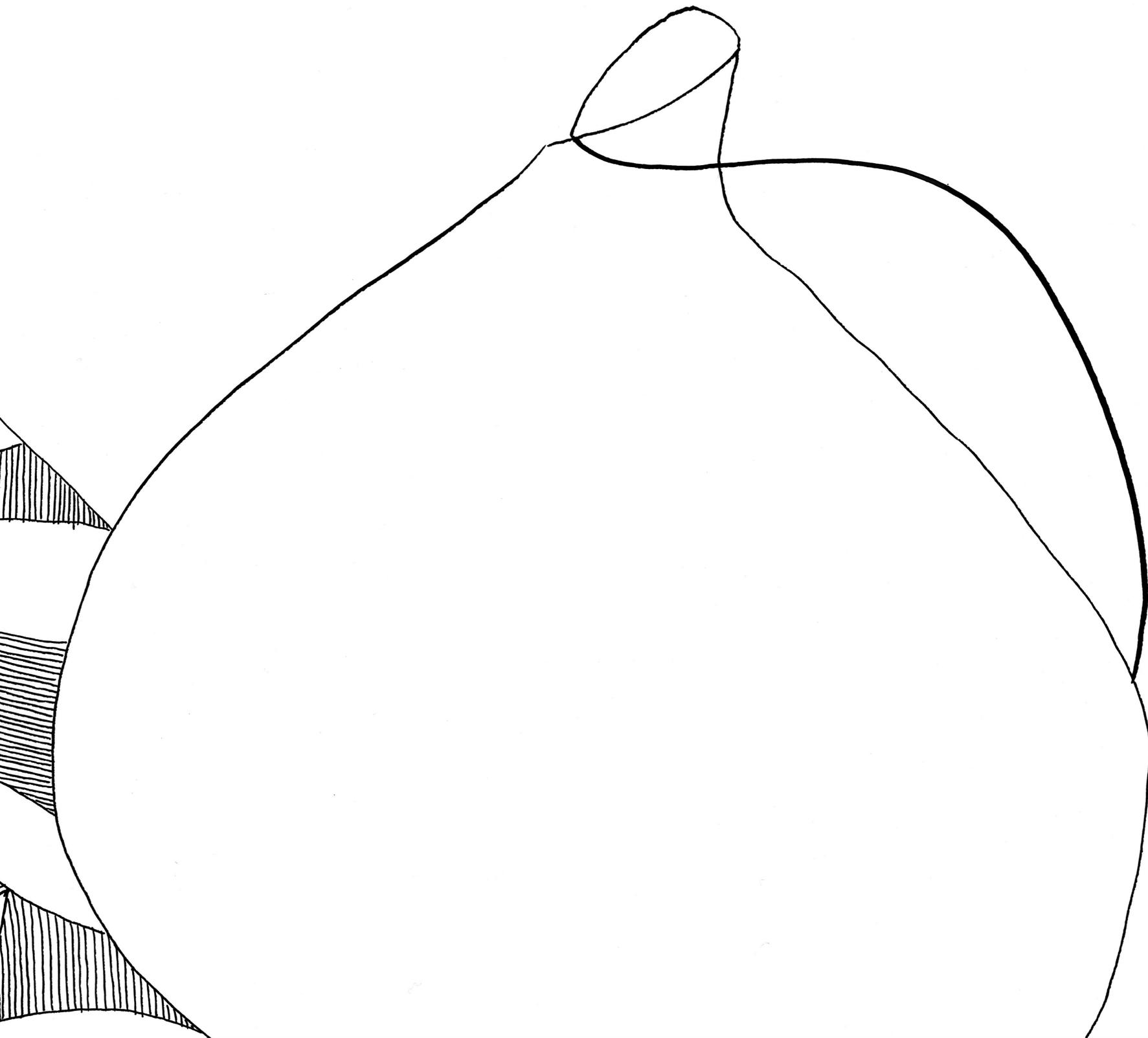
à espera da água interrompida que ainda
nas costas do espinhaço não se precipita.

Iminência de milênio. Mútua flutuação.

A paisagem pensa na serração em branco
que o paralelo não corta porque fica cego.



SÉRGIO ALCIDES (Rio de Janeiro, 1967) é autor de, entre outros livros, *Estes penhascos*. *Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas* (Prêmio Minas de Cultura; São Paulo: Hucitec, 2003). Organizou e prefaciou uma edição de *Eu e outras poesias*, de Augusto dos Anjos (São Paulo: Ática, 2005). Traduziu, de Ted Hughes, *O que é a verdade? Poemas de bichos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).



{SUPPLEMENTO.

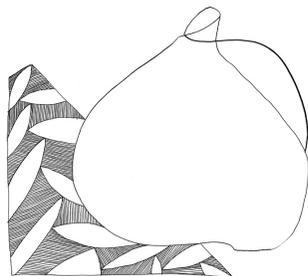
**ANA ELISA RIBEIRO ENTREVISTA
JOSÉ AFONSO FURTADO DIRETOR
DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN +
PAUL RICOEUR O EXCÊNTRICO
E EXEMPLAR + JULES RENARD
TRADUÇÃO DIRCE DO AMARANTE
+ CONTO ALI, AGORA + O BOM
PANTAGRUEL DE RABELAIS POR
CLEONICE MOURÃO + POEMA
PAISAGEM COM PENSAMENTO.**

Uma das preocupações cruciais dos leitores, escritores e editores, na era da Internet, é justamente o destino dos livros impressos, já que podemos afirmar, com alguma segurança, que não chegarão ao fim, apesar das ameaças e preconizações. Nesta edição que inaugura o ano de 2007, o leitor encontrará questões relevantes sobre as transformações que estão ocorrendo nas formas impressas e eletrônicas de conteúdo, em entrevista feita por Ana Elisa Ribeiro a José Afonso Furtado, diretor da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Não há dúvida de que há mudanças, mas estas são evolutivas ou revolucionárias? A Internet criou uma propriedade de informação ou uma liberdade, considerando-se que seu objetivo foi inaugurar a era da libertação? Para o escritor, uma das reflexões importantes encontra-se na necessidade de integração e de articulação entre formas impressas e eletrônicas.

Ao ler a resenha feita por Cleonice Mourão de *O terceiro livro dos fatos e ditos históricos do Bom Pantagruel* envolvido pela ironia que caracteriza a sátira burlesca, de Rabelais, com o objetivo de montar um panorama crítico de sua época, através da exposição de suas idéias filosóficas e políticas, o leitor terá oportunidade de levar adiante as reflexões de José Afonso Furtado e melhor compreender as mudanças que ocorrem neste momento, em nosso mundo.

Apesar da diversidade de gêneros, o ensaio sobre Paul Ricoeur, de Lúcio Emílio, ao apontar para a tomada de posturas independentes do filósofo, após constatar a radicalidade do mal imposto pela Segunda Guerra Mundial, o poema Paisagem - pensamento de Sérgio Alcides, se confrontados com as traduções de fragmentos de *Histoires Naturelles*, de Jules Renard, feitas por Dirce W. do Amarante, contribuirão de forma expressiva para a reflexão que propomos ao leitor nesta edição do SLMG.

Camila Diniz Ferreira
Editora



CAPA: **ANGELO MARZANO.**
Da série *Vaso Ágono*.
Nanquim sobre papel, 1996.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA** SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** SUPERINTENDENTE DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS **CAMILA DINIZ FERREIRA** PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** [NESTA EDIÇÃO COM **GUSTAVO GRECO**] + CONSELHO EDITORIAL **ÂNGELA LAGO** + **CARLOS BRANDÃO** + **EDUARDO DE JESUS** + **MELÂNIA SILVA DE AGUIAR** + **RONALD POLITO** EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA** + **ELIZABETH NEVES** + **ROSÂNGELA CALDEIRA** + **WESLEY SILVA QUEIROS** ESTAGIÁRIOS **MIMA CARFER** + **CLARA MASSOTE** JORNALISTA RESPONSÁVEL **KÁTIA MARIA MÁSSIMO** (REG.PROF. MTB 3196/MG). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/ **FRANCISCO PEDALINO COSTA** DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA + **LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE**.

{**SUPLE**
MEN+O.

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

S DA TERRA, DO AR E DO MAR

MINI A

JULES RENARD

TRADUÇÃO DIRCE DO AMARANTE

LE PERROQUET

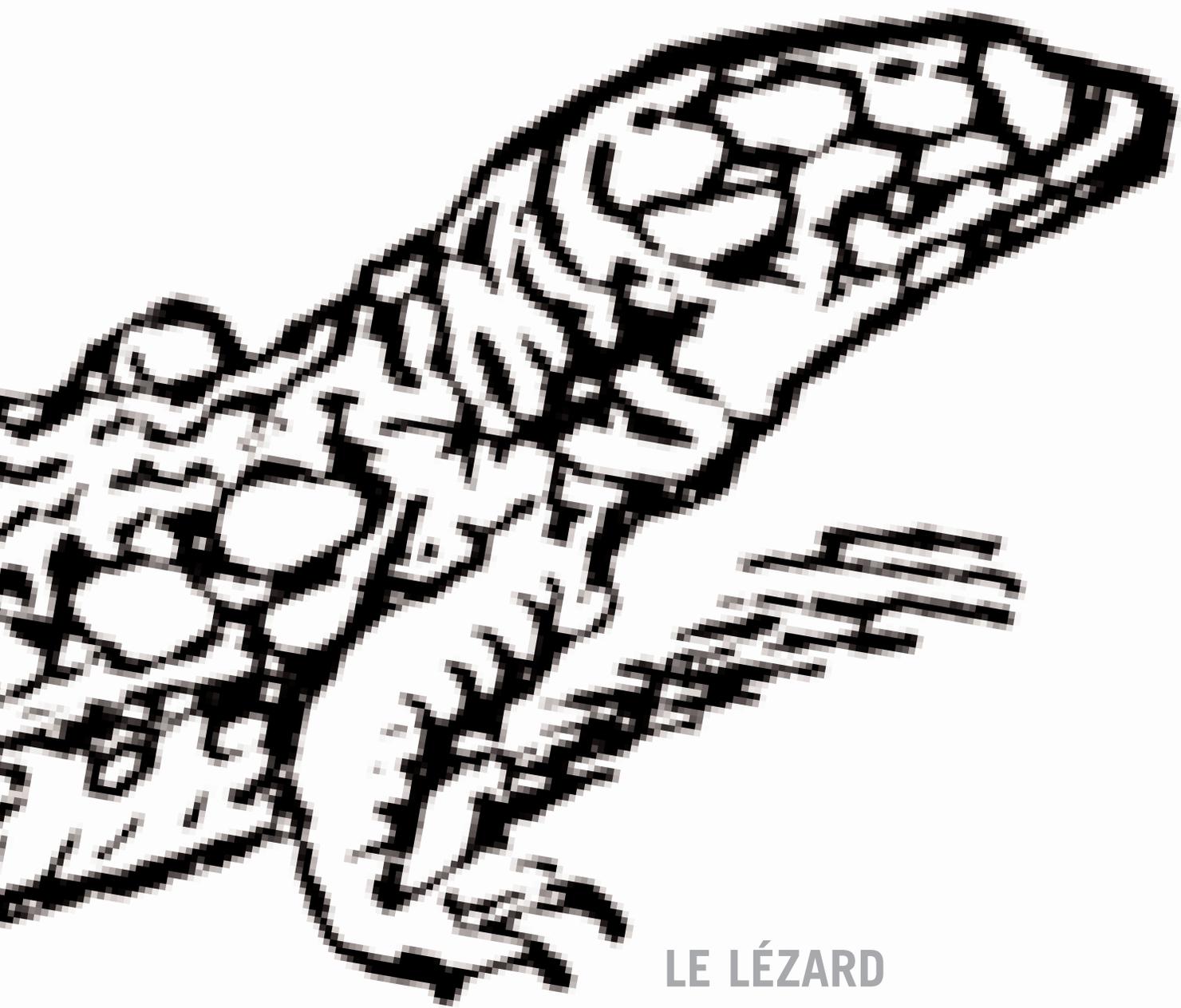
Pas mal! et il avait bien quelque mérite au temps où les bêtes ne parlaient pas, mais aujourd'hui toutes les bêtes ont du talent.

O PAPAGAIO

Nada mal! Ele teve lá seu mérito no tempo em que os animais não falavam, mas hoje todos os animais têm talento.



Ilustração: *Dicionário Prático Ilustrado*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1960.



LE LÉZARD

Fils spontané de la pierre fendue où je m'appuie, il me grimpe sur l'épaule. Il a cru que je continuais le mur parce que je reste immobile et que j'ai un paletot couleur de muraille. Ça flatte tout de même.

LES MUR – Je ne sais quel frisson me passe sur le dos.

LE LÉZARD – C'est moi.

O LAGARTO

Nascido naturalmente da fenda da pedra onde me apóio, ele sobe pelo meu ombro. Achou que eu fazia parte da parede, porque estou imóvel e uso um casaco cinza. É agradável assim mesmo.

A PAREDE – Não sei que calafrio me percorre as costas.

O LAGARTO – Sou eu.

LES BROCHET

Immobile à l'ombre d'un saule, c'est le poignard dissimulé au flanc du vieux bandit.

O LINGUADO

Imóvel à sombra de um salgueiro, é o punhal oculto no flanco do velho bandido.

LE PAPILLON

Ce billet doux plié en deux cherche une adresse de fleur.

A BORBOLETA

Carta de amor, dobrada em duas, busca um endereço de flor.

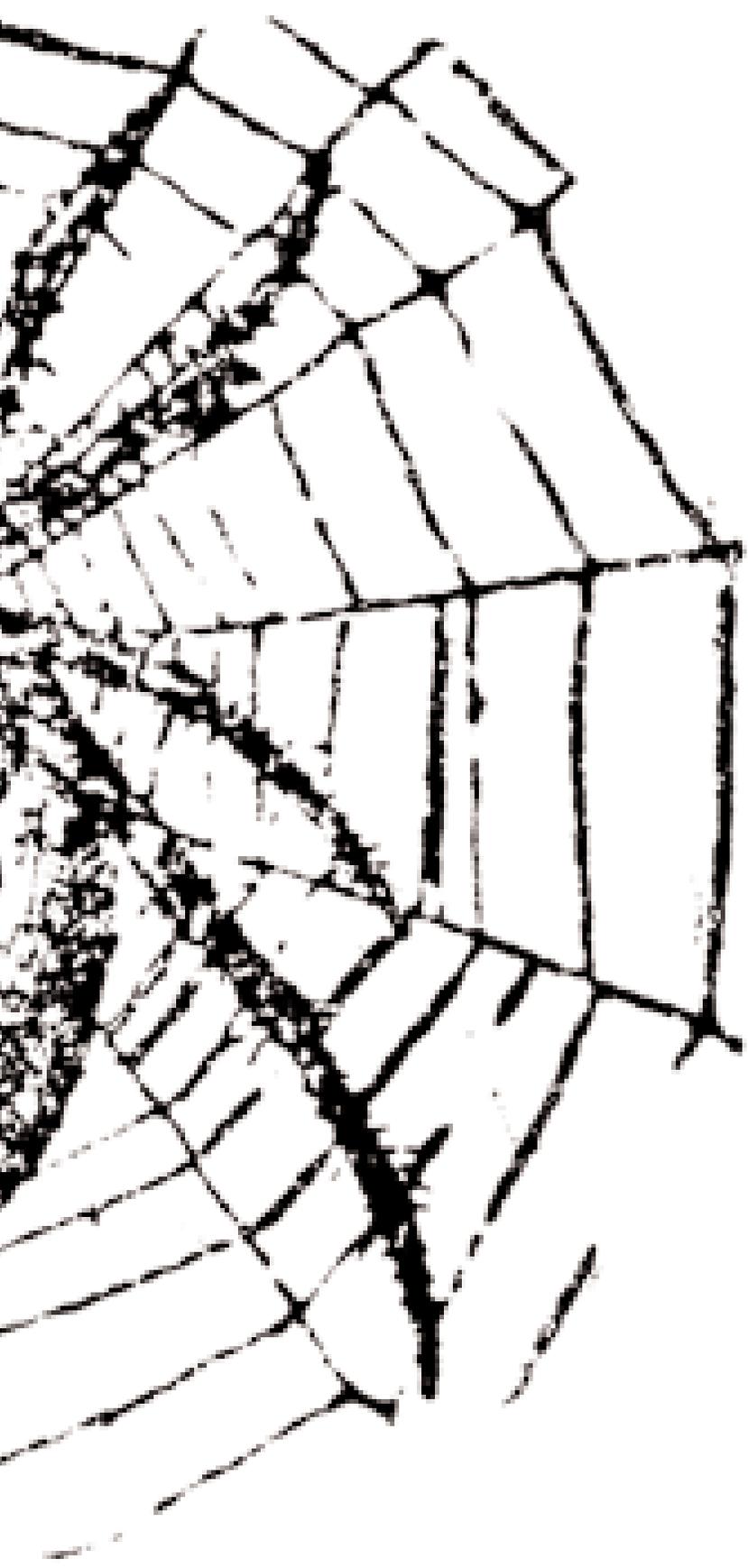
LA PUCE

Un grain de tabac à ressort.

A PULGA

Um pontinho de tabaco numa mola.





L'ARAIGNÉE

*Une petite main noire et poilue crispée sur des cheveux.
Toute la nuit, au nom de la lune, elle appose ses scellés.*

A ARANHA

Uma mãozinha negra e peluda contraída sobre cabelos.
A noite toda, em nome da lua, ela fixa seus lacres.

LES LORIOT

Je lui dit:

— Rends-moi cette cerise, tout de suite.

— Bien, répond le loriot.

*Il rend la cerise et, avec la cerise, les trois cent mille larves
d'insectes nuisibles, qu'il avale dans une année.*

O PAPA-FIGO

Eu lhe disse:

— Me devolva já essa cereja.

— Tá bom, responde o papa-figo.

Ele entrega a cereja e, com a cereja, trezentas mil
larvas de insetos nocivos que engole num ano.

LE VER

En voilà un qui s'étire et qui s'allonge comme une belle nouille.

O VERME

Eis aí um que se estica e se alonga como belo espaguete.

Os poemas acima fazem parte do livro *Histoires naturelles* (1896), do escritor francês **JULES RENARD** (1864-1910), que se dizia um "caçador de imagens". Tradução de **DIRCE WALTRICK DO AMARANTE** (professora de literatura infantil-juvenil na Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado com bolsa do CNPq), que trabalha no momento na versão integral do livro para o português, em parceria com o poeta Sérgio Medeiros.

LEITURA,
LIVROS E
**AMBIENTES
DIGITAIS**

ANA ELISA RIBEIRO ENTREVISTA **JOSÉ AFONSO FURTADO**

O surgimento do computador e da Internet fez emergirem questões ligadas às publicações impressas, talvez ainda mais do que quando as novas tecnologias ainda não existiam. As adaptações e os ajustes que o rádio, a tevê, os jornais impressos e outras mídias fazem para “sobreviver”, as influências que um meio de comunicação sofre de outro, são estudadas por vários pesquisadores no mundo. Da mesma forma, o interesse pelos “ajustes” que as pessoas (agora “usuários”) fazem para lidar com novas formas de ler e escrever ampliou-se ainda mais. Esse é um dos assuntos do professor José Afonso Furtado, que esteve no Brasil em 2004 para falar sobre história editorial e do livro. E foi nesse seminário, na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), que o ouvi falar pela primeira vez. Dali em diante, passei a freqüentar sua simpatia pela Internet e, além de textos inéditos (não apenas dele), ganhei livros recém-lançados enviados pelos Correios. No Brasil, é possível conhecer um pouco de suas reflexões na obra *O Papel e o Pixel*. Do impresso ao digital: continuidades e transformações (Escritório do Livro, 2006). José Afonso Furtado é professor do curso de pós-graduação em Edição na Universidade Católica Portuguesa e diretor da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, além de fotógrafo e amante da literatura, inclusive brasileira.

Em um de seus textos, o senhor narra uma história do pensamento sobre a Internet e conclui que essa nova mídia não é o que seus mentores queriam que ela fosse. Explique isso melhor.

Como refere Castells, a Internet nasceu na encruzilhada algo insólita entre Ciência, investigação militar e cultura libertária. O que significa que a Internet não teve a sua origem no mundo empresarial, e que nem as empresas privadas nem públicas demonstraram grande visão ou sagacidade na sua avaliação. Castells assinala que a Internet, criada como um *medium* para a liberdade, parecia pressagiar uma nova era de libertação. A propriedade intelectual (da música, das publicações, das idéias, da tecnologia e do *software*) acabava por ser partilhada pois, na Rede, não havia modo de limitar a sua difusão. A Net parecia prometer cópias perfeitas de originais digitais a um custo quase inexistente e colocava os legisladores perante uma tarefa impossível: encontrar e punir os violadores do *copyright*. Quando as empresas e o comércio chegaram à Internet, trouxeram consigo o imperativo de tudo regular, originando uma divisão que se mantém até hoje entre os defensores da propriedade da informação e os defensores da liberdade da informação. E, se Clifford Lynch refere que, historicamente, os editores apoiaram-se primariamente na legislação e na economia para proteger os seus investimentos, o que se verifica agora é que, à medida que as preocupações comerciais invadem a Internet, há o progressivo desalojar das arquiteturas «de liberdade» da primeira geração. A Net está a ser refeita no sentido de se conformar às exigências do comércio. Os movimentos sociais em defesa da liberdade na Internet são muito importantes para a conservação da Internet originária como espaço de liberdade. O futuro da Internet vai decidir-se em instâncias fundamentais como as leis, os tribunais, a opinião pública, os meios de comunicação,

a responsabilidade empresarial e as agências políticas. E, sobretudo, na atitude de cada um de nós.

Em relação ao livro impresso, que “perigos” a web oferece de fato?

Por agora, interessa reconhecer que o mundo do livro está a mudar ao mesmo tempo que muda o mundo à nossa volta. Cada vez mais o texto é texto digitalizado; antigos documentos são lidos opticamente (*scanned*) e os novos materiais muitas vezes só existem como texto eletrónico. Os editores publicam livros eletrónicos enquanto a indústria informática desenvolve dispositivos portáteis para leitura eletrónica. Os compradores de livros fazem as suas aquisições através da Internet, as bibliotecas disponibilizam aos seus leitores versões digitais dos seus fundos e alguns escritores tentam utilizar técnicas hipertextuais na elaboração das suas obras. Tal como aconteceu no momento da invenção da prensa de caracteres móveis, verifica-se um esforço de compreensão deste novo *medium* e quais as formas de o articular com os modos de comunicação anteriores. A atividade nuclear de uma editora consiste na aquisição, desenvolvimento e manipulação de conteúdo. Para Thompson, uma parte central da história da edição nos últimos vinte anos tem consistido na progressiva aplicação de processos digitais nas várias fases do processo de transformação do conteúdo. Os livros estão embebidos em contextos sociais de vários tipos e a utilização dos livros está ligada a instituições e a conjuntos de práticas sociais. Os livros não são meros objetos que sejam súbita e automaticamente substituídos por modos tecnologicamente mais eficientes de distribuição de conteúdo, pois estão ligados a formas de vida e a práticas sociais que mudam, quando mudam, lenta e gradualmente. E por isso, se quisermos entender como estão a alterar-se as relações entre as formas impressas e eletrónicas de conteúdo, teremos de tomar atenção não apenas às inovações tecnológicas mas igualmente às formas de vida e às práticas sociais em que esses conteúdos estão embebidos e são utilizados. A revolução digital é parte – mas apenas parte – de uma série de profundas mudanças que estão a transformar não só o mundo da edição mas as indústrias criativas em geral. O livro impresso não irá desaparecer, como muitos vaticinaram, mas a indústria da edição terá de fazer face, não a substituições, mas a reestruturações, em que a forma mais antiga sobrevive, persiste com a nova e com ela se articula numa outra economia.

E isso tem a ver com a nossa vida ou apenas com as casas editoriais?

Estas questões não interessam apenas às empresas editoriais mas a todos nós que, depois de cinco séculos da cultura do impresso, nos habituamos a confiar nos livros e na sua disponibilidade como meio de transmissão e difusão de idéias e de desenvolvimento do espírito. No entanto, o que está realmente a acontecer, como salienta Lynch, é muito mais complexo do que a reestruturação das economias da autoria e edição, do que a emergência de novos canais de comercialização de livros ou de novos tipos de dispositivos eletrónicos de consumo, pois estão em jogo três questões cruciais na transição para o mundo digital: a natureza do livro no mundo digital como forma de

comunicação; as formas de controle dos livros nesse mesmo mundo, incluindo as relações entre autores, consumidores/leitores e editores e, por extensão, o modo como viremos a gerir a nossa herança cultural e o nosso passado intelectual.

O senhor tem refletido sobre a relação entre a Internet e tecnologia, texto, novas práticas de leitura, hipertexto. Em que a Internet como meio de escrita, publicação e leitura pode se parecer com uma “revolução”?

Hoje dificilmente se pode negar que nos encontramos num momento em que a emergência e expansão das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e, particularmente da Internet, levou à emergência de formas que desafiam e suplementam o livro impresso e a literacia tipográfica. Na verdade, muitas das categorias através das quais nos temos relacionado com a cultura escrita estão a alterar-se. A versatilidade dos computadores tende a esbater distinções entre os processos separados de criação, reprodução e distribuição que eram característicos do clássico modelo industrial dos bens impressos. O leitor, no mundo digital, vai ter que enfrentar situação bem diferente da que caracterizava o mundo do impresso. Posto isto, convirá refletir um pouco mais sobre a relação entre a Internet e esta «revolução». A palavra revolução é controversa, por vezes confusa, susceptível de diversas definições e graus de generalidade. Implica contudo sempre, como refere Frank Webster, a idéia de uma rotura absolutamente radical, completa e súbita. As tecnologias de informação oferecem novos meios e oportunidades de trabalhar, aprender, comunicar, novas formas de entretenimento e de estabelecer relações comerciais, perante isso alguns defendem que essas mudanças são revolucionárias e vão mudar o nosso mundo, enquanto outros argumentam que são evolutivas e que tanto os indivíduos como as organizações acabarão por incorporar as tecnologias de rede nas suas práticas como incorporaram outros *media* e tecnologias anteriores.

A variedade de utilizações da Internet é imensa e aumenta sem cessar. Uma das utilizações que nos interessa é o fato de ela ser o lugar de publicar material escrito. Já existe um escrito próprio para a Internet?

O que se verifica neste momento é uma situação em que, como refere Frederick Lancaster, coexistem quatro «fases» correspondendo a evoluções bem diversas da tecnologia: a utilização de computadores para produzir publicações impressas convencionais; a distribuição de texto em forma eletrônica onde a versão eletrônica é o exato equivalente da versão em papel e pode ser usada para gerar versões em papel; a distribuição exclusiva em forma eletrônica, em que a edição eletrônica possui algo mais do que a versão em papel apresentada eletronicamente e, por fim, a geração de publicações completamente novas que explorariam as verdadeiras e inovadoras capacidades eletrônicas (hipertexto, som, movimento, etc.). Joel de Rosnay estabelece uma distinção entre técnicas de *substituição*, aquelas a que estamos habituados, que se caracterizam por se substituírem linearmente umas às outras e por fazerem mais e melhor o mesmo: pensemos no fax face ao telex, na câmara vídeo face ao

8mm ou no CD face ao disco de vinil. Mas agora, com o computador pessoal, portátil, multimedia, ligado às redes interativas, estamos perante uma técnica de *integração*. E deixamos então de estar na mesma lógica, entramos numa lógica de aceleração, pois todos os *media* tradicionais continuam a existir: o correio, o telefone, a rádio, a televisão... Nenhum *medium*, hoje em dia, parece realizar o seu trabalho cultural isoladamente dos outros *media* nem trabalha isoladamente das outras forças sociais e econômicas; em segundo lugar, o que é novo nos novos *media* é o modo particular como eles remodelam os *media* anteriores e o modo como os *media* anteriores se remodelam a si mesmos para responder aos desafios dos novos *media*. Por fim, todos os *media* ativos (velhos e novos, análogos e digitais) respeitam, reconhecem, apropriam-se e, explícita ou explicitamente, entram em conflito uns com os outros.

Ted Nelson, um dos idealizadores do hipertexto, planejava uma forma de produzir textos e incentivar a escrita criativa. De certa forma, ele pensava nos escritores. O que tem sido feito por esses artistas na Internet, efetivamente, na atualidade?

É forçoso reconhecer que o que tem predominado é uma translação bastante literal dos livros impressos para uma representação digital. O que significa a adoção de um conceito de *e-book* mais restrito, mais próximo do modelo conceitual do livro impresso. Tratam-se de formas textuais que Yves Jeanneret considera que assentam na ideia de que o conjunto de práticas e de modelos teóricos que constituem a herança de cinco séculos de «cultura do livro» não pode ser esquecida, abandonada ou considerada como um dado adquirido, mas pode e deve antes prosseguir a sua própria evolução – certamente que sob formas em parte novas e inesperadas – mesmo na era dos *media* digitais. Contudo, a esta posição opõe-se uma outra, que passa desde logo pela recusa do livro como uma metáfora adequada para o *design* do livro eletrônico. Os teóricos desta corrente defendem a publicação de textos eletrônicos pensados e concebidos para se moverem em suportes eletrônicos desde o seu início, que explorem as capacidades específicas do universo digital, ligados à vulgarização de ambientes hipertextuais e que questionem algumas das noções tradicionalmente atribuíveis aos textos da cultura do impresso. Os primeiros escritores experimentais trabalhavam quase exclusivamente em texto, em parte por opção (eram escritores do impresso a tentarem movimentar em direção a este novo domínio e trazendo consigo o que conheciam melhor), mas em grande medida porque tal era exigido pelas limitadas capacidades dos computadores e diskettes de então. Mas desde então algumas mutações ocorreram. Por outro lado, com o hipermedia emergiu todo um novo movimento poético, normalmente designado por poesia cinética, ou poesia que se «move», em que o texto de um poema sofre incessantes transformações no ecrã, emergindo e desaparecendo, desenvolvendo-se através de formas e movimentos que pretendem «imitar» o próprio poema, interagindo visualmente com outros elementos do poema ou, em termos auditivos, com ficheiros sonoros. Contudo, ao contrário do que as teorias sobre o desaparecimento do autor, a predominância do leitor ou a nova figura do escri-leitor anunciavam, eu penso que o leitor é afinal freqüentemente

obrigado a entrar num fluxo *media-rich* mas inelutável, direcionado pelo autor ou autores. Ou seja, graças à tecnologia informática, o autor pode agora retomar um certo controle sobre o leitor, pode encarregar-se da formatação tipográfica e icônica do seu texto e, no caso de um hipertexto, determinar com precisão o grau de interatividade que deseja conceder ao leitor.

Como é ler na tela?

Como refere Adriaan van der Weel, a WWW serve principalmente um tipo de leitores para quem a facilidade de navegação é mais valorizada do que a possibilidade de ler criticamente, de elaborar e anotar comentários. Ler já não é só ler. Requer competências diversas, incluindo as capacidade de «ler» atrás do ecrã.

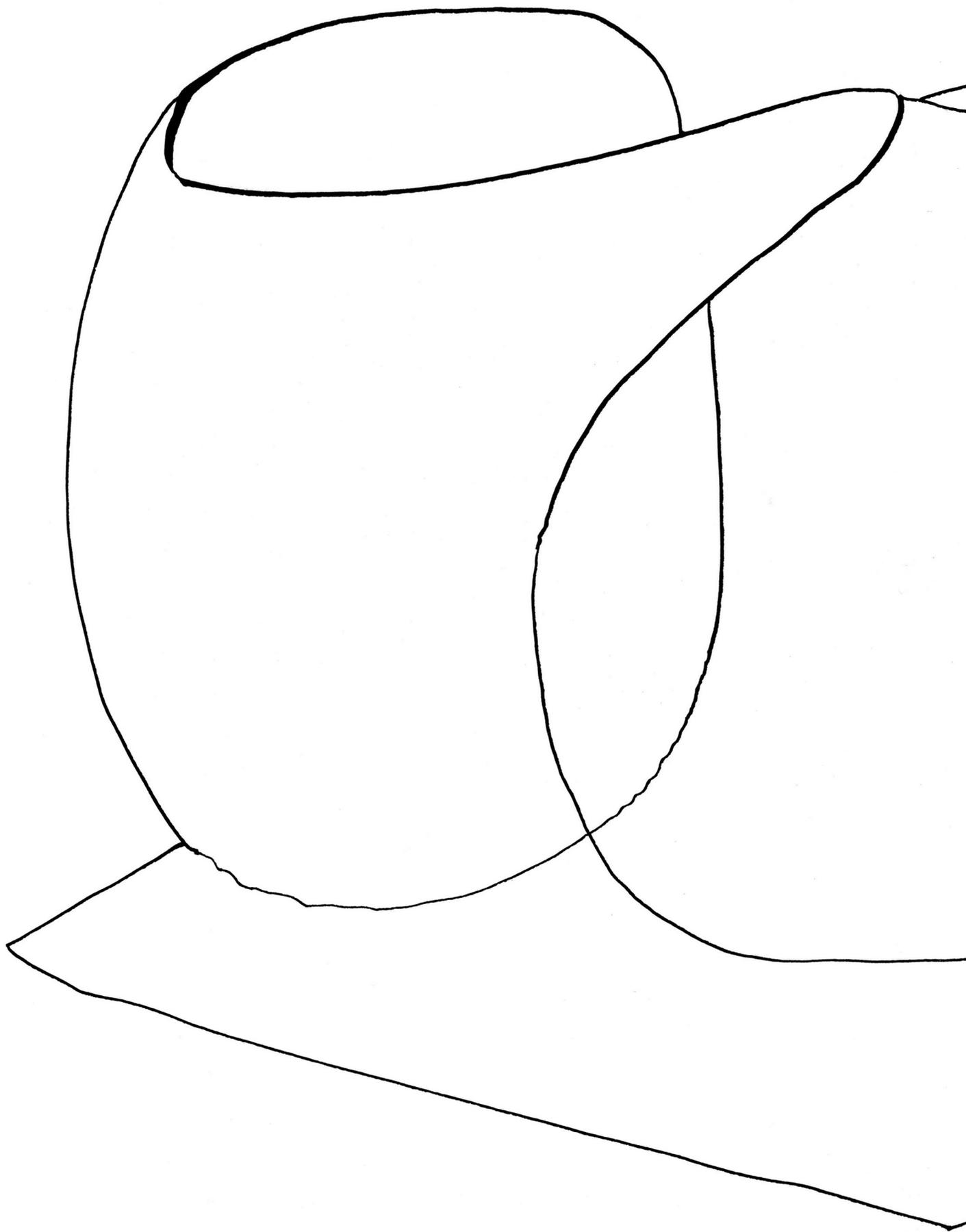
Fala-se em exclusão digital. Para alguns, o computador bloqueia ainda mais o acesso de camadas menos favorecidas da sociedade à leitura e à escrita. De maneira mais dramática, bloqueia o acesso à informação. No entanto, a relação com o livro também teve seus códigos de acesso. O que o senhor pode dizer sobre tais análises?

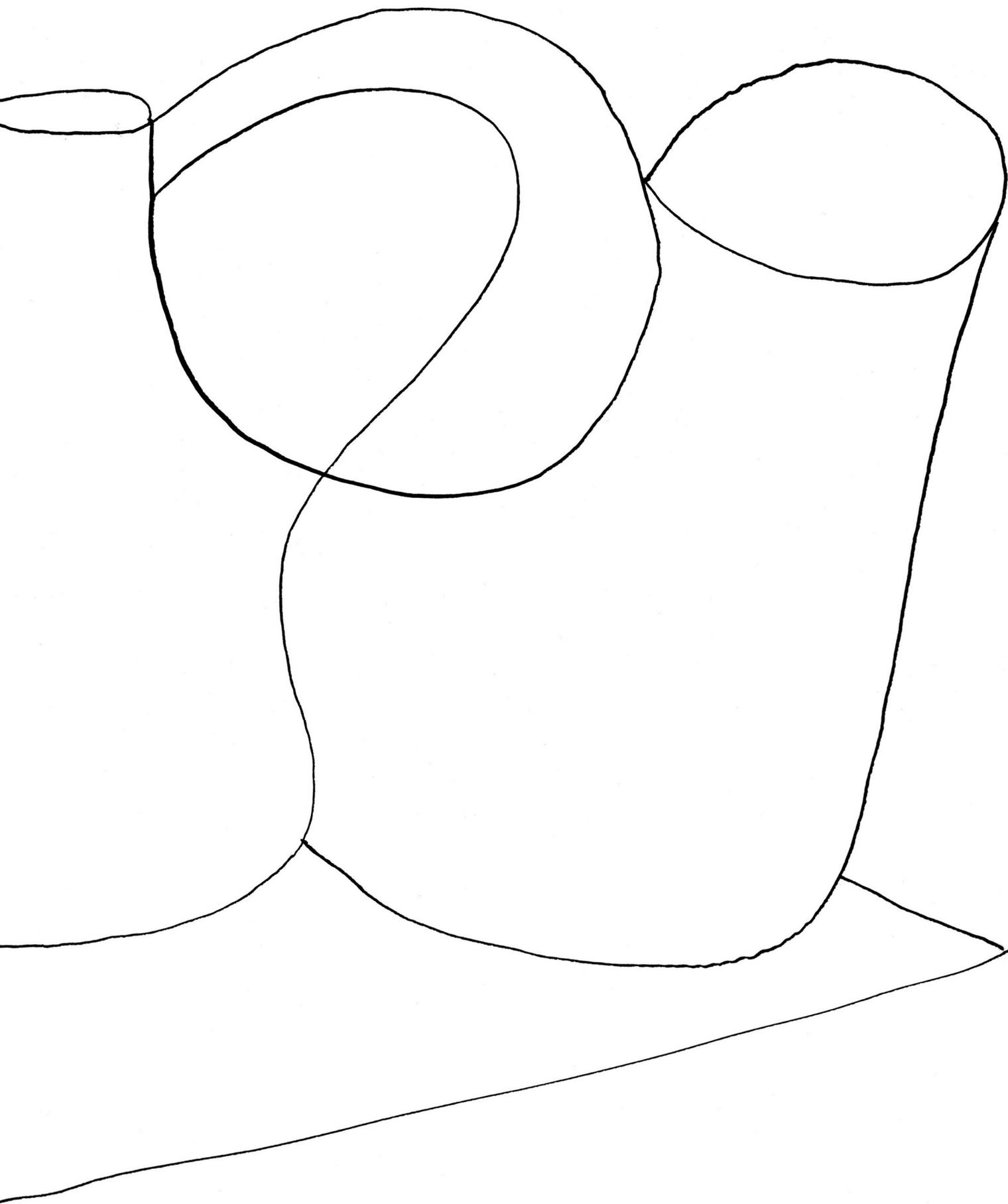
Enquanto técnica, a escrita esteve, durante dois milénios, ao serviço do poder, tanto de forma direta como de forma mediata. O mundo da escrita era constituído por uma estreita camada de clérigos, comerciantes, notários ou escriturários, no meio de milhões de pessoas que continuavam a viver e a pensar da maneira tradicional. E se essa situação se vai alterar com a invenção da técnica de reprodução em série de textos que surge na Europa entre 1430 e 1450, a taxa de analfabetismo estava próxima dos 80% em meados do século XVII e só diminuiu para números da ordem dos 50% no final do século XIX, o que significa que apenas nas últimas décadas desse século é que estavam criadas as condições para que o mundo do saber se pudesse tornar acessível ao homem comum. E quando o livro atinge o estatuto de *medium*, durante esse período de total domínio do impresso, ganha forma o nosso sistema educativo contemporâneo, com um curriculum elementar primordialmente devotado ao ensino da capacidade de ler, escrever e de técnicas abstratas de manipulação numérica. Quando se pensava que o analfabetismo se encontrava quase totalmente erradicado nos países mais avançados, verificou-se que, apesar de escolaridades obrigatórias relativamente longas, países como os Estados Unidos e o Canadá, sobretudo, mas também a França ou a Inglaterra, assistiram ao aparecimento de um fenómeno novo, traduzido na dificuldade de percentagens significativas da população dominarem as competências de leitura, escrita e cálculo. Este novo analfabetismo, dito funcional, teria a ver com aprendizagens insuficientes, mal sedimentadas e pouco utilizadas na vida. Neste sentido deve distinguir-se entre alfabetização (conceito que traduz o ato de ensinar e de aprender a leitura, a escrita e o cálculo) e literacia, que traduz a capacidade de usar essas competências (ensinadas e aprendidas). As novas tecnologias têm obviamente capacidades para modificar profundamente este modelo e o nosso entendimento da literacia, influenciando no mesmo processo os três termos básicos:

texto, leitor, escritor. É nesse contexto que, nestes últimos anos, temos vindo a assistir, com o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e de comunicação e, em especial da Internet e da Web, ao aparecimento de novas formas de escrita e de leitura e de novos interfaces de leitura. O Estudo *How Much Information? 2003*, da responsabilidade de Peter Lyman e Hal Varian, confirmam amplamente que a produção, distribuição e armazenamento da informação se realiza cada vez mais em ambiente digital e que se assiste a uma progressiva hegemonia dos ecrãs como interface para a difusão de informação e como ferramenta de comunicação. Trata-se de uma realidade absolutamente nova, da maior importância para a nossa relação com toda a espécie de documentos com que lidamos quotidianamente e que não pode deixar de contribuir para novas disparidades sociais, usualmente analisadas sob a designação genérica de *fratura digital* (*digital divide*). Na verdade, como assinalam Gian Maria Greco e Luciano Floridi, a fratura digital está intimamente relacionada com as diversas dificuldades encontradas pelas pessoas na sua interação com as novas tecnologias e, portanto, no acesso a conteúdos, serviços e recursos informativos. O seu efeito imediato é uma discriminação entre os que podem ser cidadãos da infoesfera e os que o não podem, entre os integrados e os excluídos. Na verdade, a questão do acesso é de capital importância à medida que as novas tecnologias se tornam decisivas para a educação e para a participação na vida social, económica, política e cultural da nossa sociedade e que a exclusão desse processo provoca seríssimas limitações na nossa vida. O que se tem verificado é que o acesso tem sido muitas vezes reduzido a um problema técnico, o que se traduz em iniciativas públicas com o objetivo de colocar *online* os estabelecimentos de ensino, as bibliotecas, as residências, etc. Estas atividades, obviamente meritórias e indispensáveis, entendem a questão do acesso de um modo limitado e notoriamente insuficiente se os potenciais utilizadores não tiverem também oportunidade de desenvolver as competências e atitudes necessárias para tirar proveito desses recursos. As questões de acesso incluem, por exemplo, a capacidade de compreender o que se pode encontrar na Internet, de discernir o que nos é ou não útil e de avaliar a credibilidade dos recursos que encontramos. A tarefa fundamental da sociedade futura vai ser evitar que desigualdades estruturais na competência e uso das novas tecnologias de informação e comunicação se tornem mais acentuadas.

JOSÉ AFONSO FURTADO, 1953, é português, nascido em Alcobaca, residente em Lisboa. Formado em Filosofia, é diretor da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e professor na Universidade Católica de Lisboa na área de edição e da sociologia do livro e da leitura.

ANA ELISA RIBEIRO, 1975, é brasileira, nascida em Belo Horizonte, e desenvolve tese de doutorado sobre práticas da leitura em ambientes digitais, na Faculdade de Letras da UFMG. É professora do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET MG) e estudiosa dos processos de edição de textos e hipertextos. Junto com a profa. Carla Viana Coscarelli, publicou o livro *Letramento digital*, pela editora Autêntica, em 2005.





VASO ÁGONO

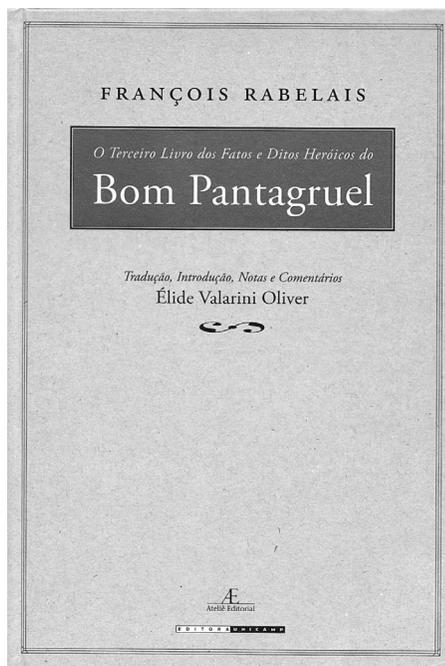
ANGELO MARZANO

ANGELO MARZANO desenha, escreve e faz filmes desde 1973. Em 1999, recebeu a Bolsa Virtuoso do Ministério da Cultura - MinC e foi para Lisboa onde fez a série de gravuras *BARROCOANARQUITETURA*.

Os trabalhos publicados no Suplemento Literário são inéditos.

O BOM PANTAGRUEL: UM RISO SEVERO

CLEONICE PAES BARRETO MOURÃO



A Editora Unicamp publica neste ano de 2006, da obra de François Rabelais, o *Terceiro Livro dos Fatos e Ditos Heróicos do Bom Pantagruel*, na tradução de Élide Valarini Oliver, precedida de uma Introdução na qual a tradutora apresenta os principais aspectos desse *Terceiro Livro*. Porta de entrada para a leitura do *Bom Pantagruel*, a Introdução da professora Élide fornece ao leitor os subsídios de que precisa para uma compreensão da obra rabelaisiana, situando-a nos princípios estéticos e éticos da época do autor, evitando assim uma abordagem moderna de uma obra datada de 1546.

Rabelais manifesta em seus livros os ideais do Renascimento francês, como o valor enciclopédico do saber, o abandono da filosofia escolástica, um humanismo voltado para a vida livre, para a obediência aos ditames da Natureza, o que se expressa na divisa “Fais ce que voudras”, do livro *Gargantua*. Havia, então, o desejo de renovação da cultura da Idade Média: retomar os autores gregos, repensar a Antigüidade.

Contemporâneo de autores franceses como Du Bellay, Montaigne, Marot, A. D'Aubigné, Rabelais deles se destaca sobretudo pelo tom popular de sua obra, um cômico que tem sua fonte na praça pública, na fala e no comportamento do povo. A esse respeito, insiste Bakhtine, após apontar os grandes autores do Renascimento: “Mas, em nossa opinião, sua qualidade maior é estar ligado mais estreitamente e mais profundamente que os outros às fontes populares específicas (...); essas fontes determinaram o conjunto de seu sistema de imagens assim como sua concepção artística.”¹

Por que Terceiro Livro? O primeiro livro, que tem como personagem o gigante Pantagruel, foi publicado em Lyon, em 1532: *Os horríveis e espantosos feitos e proezas do mui afamado Pantagruel*. Nos feitos desse príncipe-gigante, revela-se uma paródia dos romances de cavalaria apreciados e difundidos na época. É ainda nesse livro que Pantagruel conhece Panurge. Astuto, travesso, ele será doravante o companheiro inseparável de Pantagruel. Diante do sucesso dessa primeira criação da linhagem de gigantes, Rabelais escreve a vida e as proezas do pai de Pantagruel, Gargantua, publicando, em 1534, *A Vida inestimável do grande Gargantua, pai de Pantagruel*. Ao lado da exploração do cômico popular, Rabelais aí expõe questões relativas ao humanismo vigente, como a educação, na célebre carta de Gargantua a Pantagruel. E não perde o gosto de atacar os teólogos da Sorbonne e as superstições religiosas.

O *Terceiro Livro* é, então, uma retomada da vida e das proezas do gigante Pantagruel, mas agora

assumindo uma personalidade diferente: trata-se não mais da personagem belicosa e aventureira, mas do gigante envolvido com os temas mais relevantes da época. Daí que seu gigantismo quase desaparece nesse livro, não sendo mais enfocada sua força física, seu tamanho desmedido, mas acentuando sua participação no pensamento humanista do Renascimento. Panurge adquire um papel de relevância, personagem através da qual Rabelais expõe de maneira satírica, de um cômico muito fundamentado no jogo de palavras, sua visão dos costumes da época.

O *Quarto Livro* narra as viagens que faz Panurge pelo Atlântico, com o objetivo de consultar a Diva Garrafa (La Dive Bouteille), sempre na companhia de Pantagruel, para decidir se deve ou não se casar. De um epicurismo desenvolvido, Rabelais aí acentua seu conceito de vida: “captar a vida em todos os seus aspectos, por mais contraditórios que sejam; apreendê-la simultaneamente através dos sentidos e da alma; experimentá-la em sua plenitude”, afirma a professora Élide em sua Introdução.

A autoria do *Quinto Livro* é objeto de discussão. Há capítulos em que a verve rabelaisiana está muito presente, mas outros se arrastam num monótono simbolismo. Trata-se ainda da viagem em busca da resposta da Diva Garrafa, e ao longo dessa viagem Rabelais dirige à Santa Sé ataques virulentos; critica ainda os intelectuais da época avessos às suas idéias. O livro termina com o conselho da Diva: “Beba!” renovando assim o ideal rabelaisiano de entrega total aos prazeres da vida.

No livro agora publicado pela Unicamp, o *Terceiro Livro*, como em toda sua obra, Rabelais, grande conhecedor dos autores da Antigüidade, neles buscou muitos de seus temas, de suas idéias, de sua diretrizes sociais e políticas. Em conformidade com o humanismo de seu tempo, Rabelais tem como objetivo livrar o homem dos entraves cristãos da Idade Média.

Hino à vida na clave de um “realismo grotesco”, na expressão de Bakhtine.² Não a vida em seus valores abstratos, espirituais, religiosos, mas a vida impulsionada pelo instinto, com tudo o que ela tem de corporal, de prazeroso, de festa. Onde a predominância de imagens da vida sexual, do apetite demasiado (mas nunca pecaminoso) para o comer e o beber.

A personagem central, Pantagruel, sofre uma transformação do *Primeiro* para o *Terceiro Livro*. Neste, ele não é mais a espécie de pequeno demônio, permanente bebedor de vinho e oferecendo-o a todos os que dele se aproximam.

Agora, Pantagruel tem outras preocupações, e através de sua fala passam as idéias filosóficas e políticas de Rabelais. Pantagruel é aí tolerante, indulgente para com as tolices dos companheiros, generoso, de um enorme otimismo e de uma confiança total na Natureza.

Pantagruel (do grego: *panta*, tudo; e *gruel* em língua hágarena, alterado), contém em seu gigantismo toda a demasia do apetite de viver, apetite também acompanhado de uma sede e de uma fome de saber, o que faz de toda a obra de Rabelais uma passagem pelo conhecimento enciclopédico de sua época. Assim é que o termo “pantagruelismo” significa um enorme apetite de saber, e aponta para a sabedoria de Pantagruel que se remuse em “viver em paz, alegria, saúde e boa mesa”.

Característica marcante da escrita rabelaisiana é o riso, um riso franco, espontâneo, de caráter popular, aliado a uma sátira sem disfarces, num ataque frontal à ideologia oficial, aos fatos políticos e à visão cristã do destino do homem; e ainda, combate incansável ao sistema jurídico, combate que pode ser resumido na frase: “Freqüentemente, em procedimentos judiciais, as formalidades destroem as materialidades e substâncias”, do capítulo 40. O cômico popular é a principal fonte do riso rabelaisiano, e, no entanto, sua obra não tem o povo como destinatário. Sendo obra *escrita*, no século XVI, está destinada a uma elite intelectual.

Quanto à personagem Panurge (do grego, o astuto), Rabelais elege-o, nesse *Terceiro Livro*, o porta-voz da sátira burlesca. A narrativa se desenrola sobretudo centrada nessa personagem. Velhaco, ladrão, trapaceiro, turbulento, Panurge consegue, entretanto, ser divertido em todas as circunstâncias. Incorrigível esbanjador, ele faz um hilariante elogio das dívidas. Diante de sua dúvida maior: “devo ou não me casar”, desenvolve longos diálogos com Pantagruel, quando apresenta inúmeros argumentos contra e a favor do casamento, procurando evitar o mal para ele inconcebível: ser corneado. Face a seus argumentos, Pantagruel responde numa espécie de assentimento, ao mesmo tempo indulgente e irritado, para pôr fim à questão: “Ora, não se case então”, ou “Case-se, pelo amor de Deus!”.

A respeito dessa personagem, afirma a profª Élide em sua Introdução: “Panurge encontra-se num círculo vicioso. Sua recusa [em aceitar os conselhos sobre a questão: devo ou não me casar] se dá na medida em que, não aceitando os *sinais* do mundo, expõe suas idéias a partir de construções justificativas que parecem, pela sua própria natureza, cegas, fantasiosas, exage-

radas ou francamente ingênuas. Entretanto, a insistência de Panurge no cegamento obstinado, além de constituir-se na mola mestra da narrativa, concede a essa rabelaisiana um traço fundamentalmente irônico do ser humano, pois marca-se com duas espécies de resistência: contra a aceitação dos eventos do mundo e contra o auto-conhecimento.”

A criação de uma personagem gigante vem acompanhada de uma criação igualmente agigantada da linguagem. Exagero e hipertrofia do léxico são as fontes principais do riso rabelaisiano. Já no Prólogo, o autor se utiliza desse recurso numa enumeração excessiva de ações. Trata-se da grande agitação dos coríntios diante da anunciada invasão do rei da Macedônia, cada um seu ofício para a defesa da cidade de Corinto. E Rabelais enumera suas ações numa série de verbos seguidos de complemento e nada mais, o que constitui um ritmo ligeiro mime-tizando o rebuliço dos cidadãos: “Os outros reforçavam muralhas,/ erguiam bastiões,/ endireitavam revelins,/ cavavam fossos,/ limpavam as contraminas”... São ao todo 19 ações, dispostas em coluna, permitindo uma leitura rápida. Em seguida, descrevendo ainda a labuta dos coríntios, Rabelais ergue extensas listas de objetos que são polidos e envernizados por eles; outros tantos objetos que são preparados para a guerra; “arcos, fundas, bestas, borlas de chumbo, catapultas, falarezes, migranas, bolas, círculos e lanças de fogo”, etc, etc.

Assim, os atos dos homens, cidadãos preparando-se para a guerra, dispostos em seus elementos mínimos, verbos e complementos, ou lista numerosa de substantivos presos a um único verbo, são recursos que levam à perda da flexibilidade, da maleabilidade humanas, e fazem de todos esses atos qualquer coisa de mecânico, máquinas desfreadas em suas funções, e não homens no trabalho. Segundo Bergson, o riso é provocado toda vez que, ao invés de uma atitude própria do homem, tem-se um automatismo que age por si mesmo: “Não há cômico fora do que é propriamente *humano*”.³

Outra fonte muito rica do cômico em Rabelais é o emprego de imagens grotescas do sexo e de tudo o que o envolve. Um dos muitos exemplos está no Capítulo 8, cujo título já anuncia o tema: “Como a braguilha é a peça principal de armadura entre a gente de guerra”. Ai se lê: “Exceção feita aos horríficos colhões da Lorraine, que sem freio, descem até o fundo das calças, abominando a morada das braguilhas altaneiras e escapam para fora de qualquer método: como testemunha Viardiére, o nobre Valetim, que num primeiro de maio, todo elegante encontrei em Nancy, lim-

pando seus colhões estendidos numa mesa como uma capa espanhola.” O cômico voltado para o lado sexual da vida e para os órgãos genitais, de maneira grotesca, escancarada, às vezes até mesmo obscena, ataca frontalmente o pudor imposto pela educação medieval, pelos bloqueios cristãos quanto à manifestação da vida na sua forma mais liberada.

Todos esses elementos de hipertrofia e de cômico levam o leitor desavizado a apreender da obra rabelaisiana apenas seu aspecto de riso popular, de fantasia, de pura ficção. É preciso, para se chegar à “substantifique moëlle”, ultrapassar esses recursos e atingir o panorama extremamente crítico da época (no que diz respeito, sobretudo, à política feudal e ao papel da Igreja), e de sua cultura (confrontando a cultura oficial com a popular).

A tradução da profª Élide tem o mérito de manter o aspecto do jogo fônico das palavras. Na nota “c”, relativa ao Prólogo, a tradutora comenta: “Nessa enumeração, importam os aspectos sonoros, aliterativos, como numa lenga-lenga, um jogo. Traduzir cada verbo em seu sentido original implicaria a renúncia do espírito de jogo repetitivo que Rabelais cria não só aqui como em todas as suas enumerações. Portanto, dado o contexto matricial de onde surgem todos os jogos, tentamos reproduzir as equivalências sonoras e os trocadilhos que compõem o original.” É esse cuidado na tradução que permite a transmissão do cômico rabelaisiano. O anexo “Comentários sobre a tradução” torna-se, assim, uma consulta para a abordagem do *Terceiro Livro*.

Ainda outro dado da maior relevância para o volume em questão, são as notas de pé-de-página. Rico complemento para a leitura de uma obra tão longe de nosso tempo, essas notas são cuidadosas, eruditas, valiosas para um bom entendimento da escrita ficcional e do pensamento de Rabelais.

¹ BAKHTINE, Mikhail. *L'Oeuvre de François Rabelais*. Paris: Gallimard, 1970, p. 10 (Tradução nossa)

² *Ibidem*, p.28

³ BERGSON, Henri. *Le Rire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947, p.2 (Tradução nossa)

CLEONICE MOURÃO é Doutora em Literatura Comparada pela UFMG e Professora Titular de Literatura Francesa. Tradutora de francês, tem diversos artigos de crítica literária publicados em revistas especializadas.

LÚCIO EMÍLIO DO E. S. JÚNIOR

O EXCÊNTRICO E EXEMPLAR

PAUL RICOEUR

[1913-2005]

Um dos mais importantes vultos da filosofia francesa, Paul Ricoeur, nasceu em Valence em 1913, faleceu em Chatenay Malabry, perto de Paris, numa sexta-feira, 20 de maio de 2005. Esse curto artigo surgiu inspirado pelo curso e pelos artigos a respeito de Ricoeur, de autoria da professora Jeanne Marie Gagnebin no IEL-UNICAMP e por obra da pouca ou nula repercussão que sua morte obteve em nossas universidades e suplementos literários: diante desse silêncio, torna-se importante apresentar a trajetória desse pensador.

Nascido próximo de Paris, Ricoeur perdeu seus pais muito cedo, tendo vivenciado de forma concreta a experiência da orfandade. Interessou-se por Filosofia ainda no liceu, inspirado pelo carisma de um professor dessa disciplina chamado Dalbiet. Na juventude aproximou-se dos cristãos de esquerda franceses, escrevendo artigos para revistas dessa orientação religiosa e coloração política, iniciando uma carreira de filósofo. Durante a Segunda Guerra Mundial, Ricoeur ficou recluso na Alemanha, onde aproveitou para ler e traduzir autores alemães como Karl Jaspers. Ao retornar para a França, ficou absolutamente chocado por não ter ouvido falar em Auschwitz durante seu encarceramento.

Espantado com a radicalidade do mal que veio à tona no final da Segunda Guerra, escreveu seus primeiros livros tratando daquilo que coloca radicalmente em questão a onipotência da vontade humana: a finitude, a culpabilidade, o mal: figuras dolorosas do involuntário. Notemos também que o problema do mal foi abordado desde então pelo viés simbólico, ou seja, de seus símbolos primários e seus mitos. Seu primeiro livro, *Filosofia da Vontade*,

desdobrado em outro chamado *Finitude e Culpabilidade*, colocou alguns temas-chave da obra de Ricoeur: a não-soberania do sujeito consciente e sua relação simbólica e cultural com esse outro que lhe escapa.

Ricoeur, nesse período, procurou destronar não só a filosofia clássica do sujeito autônomo (Descartes e Kant), mas também seus sucedâneos contemporâneos, o existencialismo e o personalismo, com sua ênfase nos conceitos de responsabilidade e decisão. Buscou apoio em três vertentes distintas, mas que se reforçavam mutuamente na denúncia do *humanismo* metafísico. Primeiro, um pensamento poetizante que se reclama justamente do segundo Heidegger, seguidor de Nietzsche; depois o estruturalismo tanto lingüístico como, sobretudo, antropológico (Lévi-Strauss); enfim, a renovação da psicanálise com a doutrina lacaniana. Os três movimentos têm em comum a convicção de que não há sujeito algum que seja mestre de sua fala. Mesmo que não neguem as variações pessoais e estilísticas, essas tendências teóricas tendem a transferir a dinâmica de liberdade e de invenção, tradicionalmente atribuída à pessoa do sujeito individual, para uma entidade sistêmica tão eficaz como impessoal.

Atento, porém, aos excessos do estruturalismo e da psicanálise, Ricoeur resolveu confrontar-se com Freud, Marx e Nietzsche, controvérsias expressas nos livros *Da Interpretação, Ensaio sobre Freud*, de 1965, e *O Conflito das Interpretações, Ensaios de Hermenêutica*, de 1969. Notemos como eram recorrentes no pensamento de Ricoeur os conceitos de sujeito e de interpretação. O livro sobre Freud despertou a ira

dos lacanianos, que por muito tempo ora o acusavam de plágio, ora o desqualificaram implacavelmente, tachando-o de filósofo cristão de menor importância, que ousara desafiar o mestre Lacan. A perseguição dos lacanianos fez com que Ricoeur, que nunca gostou de polêmicas públicas, ficasse até os anos 80 sem falar em psicanálise; a essa tumultuada recepção de seus textos seguiu-se a atitude hostil que tiveram os estudantes rebeldes de 1968 contra ele, ao invadirem seu gabinete na Sorbonne e lhe atirarem uma lata de papéis sobre a cabeça. Tais experiências desagradáveis fizeram com que Ricoeur ficasse muitos anos fora de seu país natal, partindo para lecionar e produzir no exterior, passando longos períodos nas universidades de *Louvain* (Bélgica) e *Yale* (EUA).

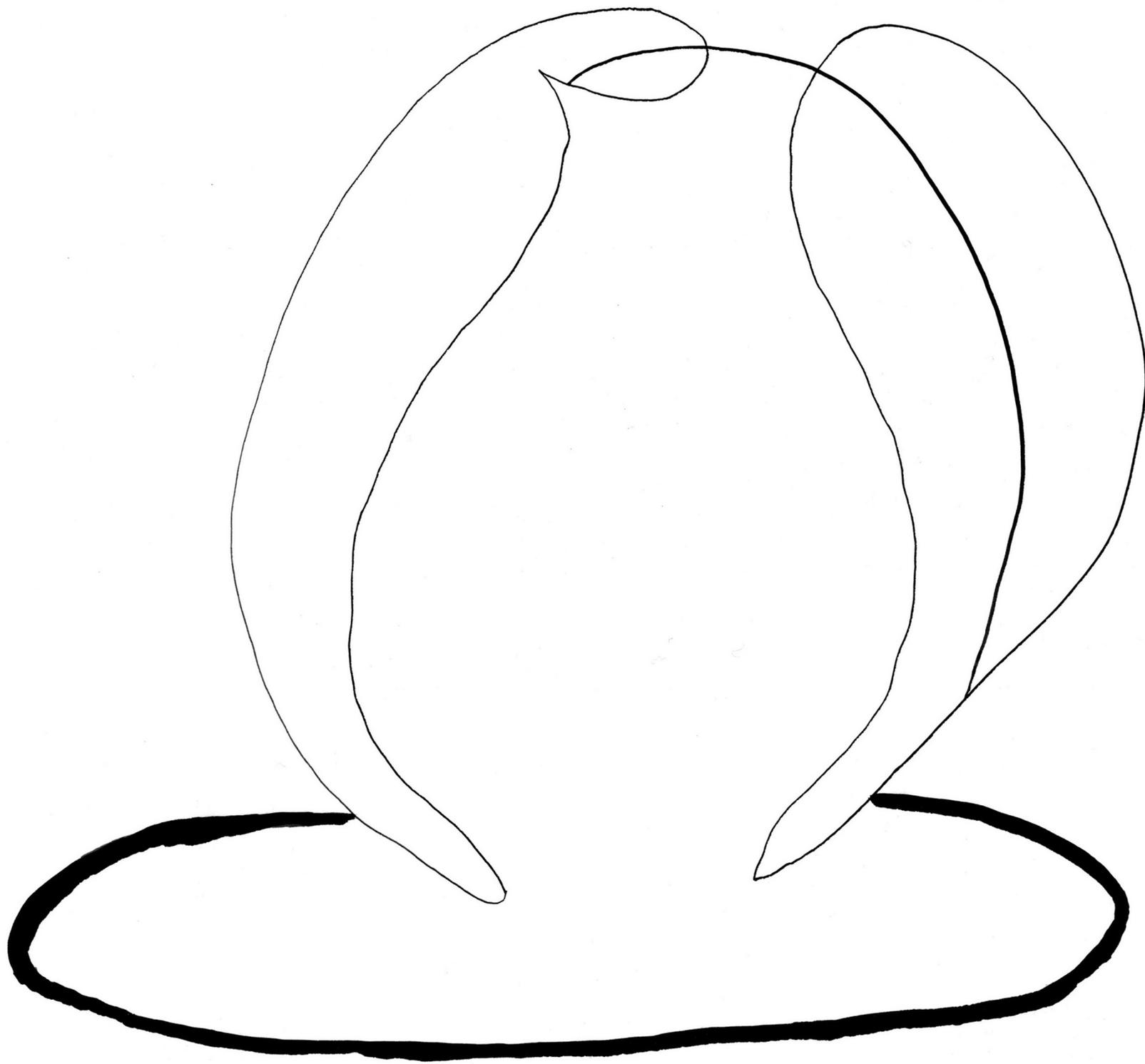
Paul Ricoeur foi um filósofo que muitas vezes em sua trajetória tomou uma posição mediana. Isso o fez excêntrico na França, em especial em Paris. Ao mesmo tempo, sua trajetória deu exemplo de diálogo com os textos alheios e tomada de posturas independentes. Ponderando sobre a filosofia analítica e a metáfora em uma de suas obras dos anos 70, *Metaphore Vive (A Metáfora Viva)*, Ricoeur conseguiu ao mesmo tempo atrair o ódio dos desconstrutivistas fanáticos e o desdém complacente dos analíticos xiitas. Podemos dizer que a vertente fenomenológica do pensamento de Ricoeur o defendeu dos encantos entrecruzados do estruturalismo, da desconstrução e também da filosofia analítica.

Enquanto sua obra voltou-se contra os pensamentos com ambições totalizantes (Marx e Althusser, por exemplo), como em seu livro *Ideologia e Interpretação*, em sua vida

Ricoeur se opôs especialmente à guerra da Argélia e à guerra da Bósnia. Simpático à esquerda, de família de velha tradição protestante, cruzou a obra de Marx dialogando especialmente com o althusserianismo e protestando contra a utilização no marxismo no Leste Europeu e na URSS. Segundo Ricoeur, essa utilização transformava o pensamento de Marx, pensamento que se batia pela conscientização, também em mantenedor de uma falsa consciência, completando um estranho ciclo. Para Ricoeur, a idéia de uma compreensão do mundo passa necessariamente pela análise dos signos e das obras que encontramos no mundo e que precedem nossa existência individual.

Pensador preocupado com o tempo, a narrativa e a leitura, capaz de dedicar uma densa obra de três volumes a tais temas (*Tempo e Narrativa*), Ricoeur fazia suas, citando-as, as palavras de Marcel Proust no texto *Em Busca do Tempo Perdido*: “Mas, para voltar a mim, pensava mais modestamente em meu livro, e seria mesmo inexato dizer, pensando naqueles que o leriam, em meus leitores. Pois não seriam, segundo eu, meus leitores, mas os próprios leitores de si mesmos, meu livro não passando de uma espécie de lente de aumento como aquelas que oferecia a um freguês o dono da ótica de Combray: meu livro graças ao qual eu lhes forneceria o meio de lerem a si mesmos.”

LÚCIO EMÍLIO DO E. S. JÚNIOR é Mestre em Estudos Literários pela UFMG e Doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP.



ANGELO MARZANO. Da série *Vaso Ágono*. Nanquim sobre papel, 1996.

No tempo em que havia ingenuidade, havia alegria. Uma sensação era dependente do outro estado? O quê? Caminha pelas ruas da cidade. Faz frio. É preciso usar moletoms. Ou jaquetas. Gorro também. Trabalhar, ainda, não é algo obrigatório. Segue, deslumbrado, a ver vitrines. A desdenhar estabelecimentos comerciais. A jurar que nunca fará isto nem aquilo. Nem a pau. Conta as moedas. Pode, no máximo, beber uma xícara de café. Depois, devolver e emprestar livros. Na Biblioteca Pública. E, talvez, quem sabe, caminhar mais uns passos pela Rua XV. E tudo isso deve e vai ser bom. Muito bom.

Nenhuma, ou pouca, experiência. Mas tem a juventude. Cabelos escuros. Pele nova. Saúde, muita saúde. E vontade. Para tudo. E tudo, ou nada, porvir. Vai encontrar, daqui a alguns dias, o mestre. Não sabe disto. Já recusou alguns. Já recuou outras vezes. Agora, é jovem ainda, mas intui que precisa caminhar. Até quando a família vai dar uns trocos? Nas noites de sábado, muita cerveja. Outras aos domingos. E mais algumas nos feriados. Poderia beber segunda, terça, quarta, quinta e sexta. Mas vive sóbrio durante os dias úteis. Ensaia os passos do futuro cidadão que todos querem ver e

cumprimentar. Os vizinhos cumprimentam e, entre eles, se perguntam: onde ele vai? O que faz todos os dias? Por que carrega tantos livros? Virou professor? Não, não pode ser. Olhe as roupas. A vida parece ser no futuro. Mas está sendo ali, agora.

O mestre aparece. E não havia, não há, como evitar. O que também não se pôde adiar foi a ocupação remunerada. Era um problema em casa. Gostar do que se vai fazer importava, importa, pouco. Mas, e as tardes azuis da cidade? Serão vistas, a partir de então, pela janela de um escritório. E os passeios pelas ruas, praças, bairros? Terão de esperar. Pelos finais de semana. Ou feriados. A não ser que o trabalho seja ir e vir, levar e trazer, por exemplo, papéis. Mas não. O trabalho, ah, o trabalho talvez não mereça nenhuma linha. Ou merece? E seria, justa e exatamente, por meio do mestre que se abririam as portas do primeiro emprego. As atuais, as do segundo, também. E as do terceiro? O mestre iria sumir. Em breve.

Ele tinha, desde muito, o gosto pelo deboche. E a convivência com o mestre ampliou nele e

A, L, A

MARCIO RENATO DOS SANTOS

no próprio mestre – ainda mais – a arte. De falar mal. Dos outros. E deles mesmos. Não havia nada premeditado. Bastava que se encontrassem. Havia, sim, talvez, um jeito de, simplesmente, ver e apontar o que estava, está, ali. Como aquele garoto, daquela fábula: está nu, ninguém vê? Isso. Talvez ambos fossem, apenas, garotos. Garotos a rir. De tudo. E de todos. Garotos a viver. E a rir da vida. Mas quem tinha, e ainda tem, vida, por longo tempo, é apenas ele. O mestre vinha fumando, ininterruptamente, há, pelo menos, meio século. E não deixaria de tragar nem mesmo no leito de uma UTI. O câncer chegou, se alojou e se multiplicou pelo corpo do mestre.

As sessões de radio e quimioterapia tiraram a fome, a saúde e muitos quilos do mestre. Era difícil até se locomover. Apesar disto, no final de um dia frio, um passeio em um shopping center. Ele caminha devagar ao lado do mestre. Havia, depois de muito tempo, e por caminhos inacreditáveis, algum dinheiro extra. Mas nada os atraía nas vitrines daqueles corredores. Até que chegam na praça de alimentação. Ali, cores, cheiros. E muita comida. O mestre parou em várias daquelas lojas de comida. Comprou

sanduíche, pastel, macarrão chinês, carne assada e bolo. Ele carregava sacolas, enquanto o mestre caminhava e olhava ao redor. Havia muita gente, mais de 100 pessoas, consumindo comida. Saíram do shopping center. O mestre queria fumar. Agora, cada um iria para a sua casa. Ele sabia que o mestre, apesar de querer, não conseguiria ingerir. Nada. O mestre poderia, apenas, olhar. Para aquele sanduíche. Para aquele pastel. Para aquele macarrão chinês. Para aquela carne assada. E para aquele bolo. O mestre precisava se lembrar de como era o gosto. E como era gostoso comer cada uma daquelas coisas.

O tempo era, e é, contado. Era, e continua sendo, de certa forma, curto – mesmo quando havia, e há, a sensação de eternidade. O convívio dele com o mestre pode ser resumido em palavras. Comentários inesperados. Pouco policiamento com o discurso. E nenhum compromisso profissional. Apenas vazão. Fluxo. De palavras. Ao redor de uma mesa. Em algum lugar público. Até no interior de um carro, ou de um táxi. E, aquilo tudo, parecendo não ter fim. Risadas que surgiam sabe-se lá de onde. Mentiras que se tornaram verdades. Lendas.

GOORRA

Ele e o mestre como vendedores em uma feira. O mestre dá um cavalo-de-pau com seu automóvel para fazer o último ônibus esperar por ele. O mestre telefona para um hotel mil quilômetros distante onde ele foi se encontrar com o destino. Quase tudo – como já foi dito –, apenas palavras. Mas bate-papos que transformavam – transformaram. Até, e sobretudo, quando era brincadeira. Como foi com aquele sujeito que não dizia não. Tal livro uruguaio? Havia lido. E o filme iraniano? Conhecia. Uma rara sinfonia de um compositor sueco? Sabia até executar alguns trechos. Numa tarde, ele e o mestre combinaram. Iriam citar obras e autores inexistentes. O sujeito, sem falhar, apareceu. Questionado, confirmou conhecer. Tudo e todos. E fizeram do método, a partir de então, a regra para o convívio com o sujeito. Talvez, o sujeito desconfiasse. E os encontros com o sujeito se revelaram, muito, agradáveis.

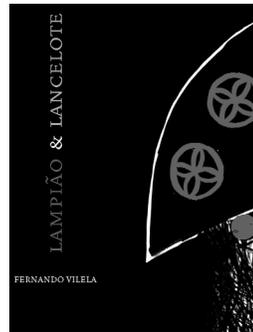
O mestre era, e ainda é, cada vez mais, reconhecido. Como escritor. Dos bons. Por outros autores. E pela crítica. Pelos locais. E também no resto do País. Ele sabia, e sabe, disto. Mas, durante o convívio, ele e o mestre pouco conversavam sobre os segredos, os detalhes, enfim, como se dá a escrita. Falavam sim a respeito de outros autores, outros livros e, principalmente, outros temas. Isso que se chama vida parecia ser mais urgente. Ele, depois de um tempo, passou a encaminhar as crônicas do mestre para o jornal da cidade. Havia lido quase todos os livros do mestre. Ele estava começando a escrever. E, uma única vez, mostrou um de seus textos. Passados poucos dias, o mestre fez, muitas, observações. E aquilo se revelou, e ainda é, a única, mas a grande, aula.

No entanto, o aprendizado, para ele, seria, mais do que sobre a escrita, e além da vida, a respeito do final da existência. Um câncer derrotou, rapidamente, aquele homem com mais de 60 anos. E ele acompanhou toda esta fase. Diariamente.

Viu o mestre perder peso. Viu o mestre perder cabelos. Viu o mestre perder a barba. E, presenciaria, o mestre quando a ruína se fez presente. Ele, por diversas circunstâncias, não acompanhou parentes em fases terminais. E, então, estaria a ver o mestre, que se tornou amigo, desaparecer. Seria uma aula, também, sobre a impotência humana. Havia dinheiro para a medicina. Remédios havia. Mas não havia como remediar aquele avanço fatal – irreversível. Ele sequer cogitou que, em pouco tempo, o mestre não estaria mais por ali. E, de repente, era como se, numa noite, o mestre tivesse entrado em um avião. Com passagem apenas de ida. Para um destino remoto. Sem contato. Nem comunicação. E, justamente, numa noite, o mestre recebeu o bilhete. A última passagem.

Um. Dois. Três. Quatro. Quantos anos se passaram desde que o mestre sumiu? Às vezes, ele se lembra, inesperadamente, do amigo que se foi. Ao caminhar pela Rua XV. No Mercado Municipal. Em alguma praça da cidade. Ou em uma rua, qualquer, de Curitiba. Recorda. Da noite do velório. Da tarde do enterro. Mas, sobretudo, de quando conversavam. Da alegria. Dos encontros. O mestre não pôde ver, nem ler, os avanços, mínimos, mas conquistas, que ele empreendeu no texto escrito. O mestre também não está mais para ouvir, por exemplo, relatos de viagens que ele fez. Foi conferir cenários que o mestre garantiu insuperáveis. O mar de Bombinhas. O fim de tarde no Arpoador. As madrugadas de Patos de Minas. O sol a nascer nos Pampas. E, principalmente, o que ele mesmo já sabia: a luz dos dias de outono desta Curitiba que se modifica mas, ainda, traz ecos daquela – a que o mestre habitou, leu. E traduziu. Em palavras.

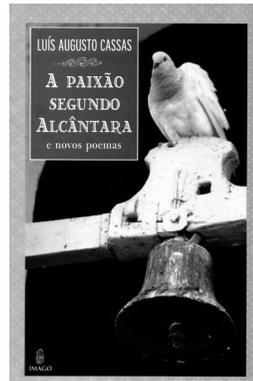
MARCIO RENATO DOS SANTOS é jornalista, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e colaborador do suplemento literário *Rascunho*, da revista quinzenal curitibana *Idéias* e da revista de literatura e arte *Et Cetera*, de Curitiba (PR).



LAMPIÃO & LANCELOTE

Fernando Vilela
São Paulo: Cosac Naify, 2006

Um inusitado encontro entre dois universos totalmente distantes no tempo e no espaço. O autor Fernando Vilela reúne, através de suas próprias ilustrações, o cangaceiro nordestino Lampião e o cavaleiro de Rei Arthur, Lancelote. Nas páginas que retratam esse duelo, as linguagens dos personagens simbolizam as diferenças entre o universo medieval e o sertanejo.



A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA E NOVOS POEMAS

Luís Augusto Cassas
Rio de Janeiro: Imago, 2006

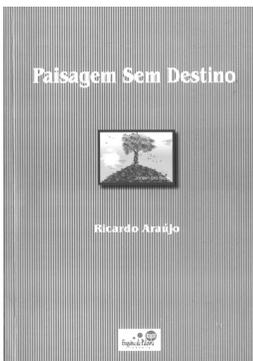
Depois de *República dos Becos*, o autor maranhense presta homenagem à histórica cidade de Alcântara, em versos e em prosa. Em “Poema dos Olhos de Alcântara”, perpassam tristemente acontecimentos históricos que marcaram a cidade. Já no sermão “Um Peixe Fala aos Homens” ganha voz um peixe-pedra que faz um apelo, a partir da perspectiva dos animais da região, aos homens que construíram a Base Aeroespacial de Alcântara.



ANTOLOGIA COMENTADA DA POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO 21

Manuel da Costa Pinto
São Paulo: Publifolha, 2006

Setenta poetas, de variados gêneros, compõem a obra, todos com diversas publicações em livros, revistas, jornais e sites. Poeticamente ativos desde 2000, alguns já são consagrados e outros iniciaram sua carreira há alguns anos. O livro apresenta a poesia de hoje, da hora, temporária, comentada por Manuel da Costa Pinto, colunista da Folha de São Paulo e autor de *Literatura Brasileira Hoje*, entre outros.



PAISAGEM SEM DESTINO

Ricardo Araújo
Brasília: Esquina da Palavra, 2006

Composto de sete partes, o livro traz em todas elas, exceto na quarta, a palavra paisagem - relação explícita com a pintura e imagem, incluindo-se aí o cinema e a TV. A linguagem despojada e simples conduz o leitor, através dos diferentes poemas-paisagens, a seu projeto metalingüístico, desde o início com “Háguia - um haikai pontiagudo”.



FICÇÕES DO BRASIL: CONFERÊNCIAS SOBRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL

Coordenação de Marcílio França Castro, Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes
Belo Horizonte: Assembléia Legislativa de Minas Gerais, 2006

Uma rica reunião de textos das conferências apresentadas no seminário “Literatura e Sociedade: cultura e identidade nacionais na ficção brasileira”, realizado na Assembléia Legislativa de Minas Gerais no ano de 2004. O livro traz a apresentação dos palestrantes sobre grandes escritores brasileiros - José de Alencar, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros - e a relação de suas obras com a construção da identidade nacional do país.